

1

A Chamada

Finalmente acabo de me sentar. Como se tivesse bichos pelo corpo inteiro, procuro uma posição confortável, folgando a roupa que me atrapalha os movimentos. Enrosco-me de um lado para o outro até encontrar o pouso certo, como um gato quando se aninha para dormir. Não me chamasse eu Mia. Tento abstrair-me do alvoroço dos outros passageiros, ruidosos, que se dirigem para os seus lugares de cabeças levantadas à procura de um buraco disponível para colocarem a bagagem de mão. O voo está cheio. E eu, vazia.

Retiro do bolso o ticket do *check-in* e leio-o mais uma vez. Não há dúvidas, estou no lugar certo. Observo este instante da minha existência impressa, 9 de abril de 2018. Dizem que as segundas feiras dão-nos aberturas de novos caminhos. Estarão certos?

Até a companhia aérea parece conspirar contra mim. Passei o fim de semana *stressada* a tentar resolver o imbróglio. Os voos de ida e volta foram cancelados na sexta-feira devido à greve. Que irritação! Se pudesse, esganava os controladores aéreos.

Com as linhas telefónicas ocupadas durante todo o sábado, tive que passar o domingo no aeroporto, metida em filas intermináveis para garantir pelo menos o voo de ida. Felizmente consegui manter o voo de hoje, só que deveria chegar a Milão a meio da manhã, com tempo para melhorar a minha apresentação. Mas está bem, faço um esforço para ver o lado positivo: pelo menos consegui entrar no avião e ainda chegarei a tempo para o jantar de grupo. No entanto, parto sem confirmação do voo de regresso, continuando em *stress* com mais uma pedra para carregar. Em vez de voltar a Lisboa no dia 11, só terei o voo a 12... sem horário confirmado. O que farei eu em Milão sozinha mais uma noite? Por que razão tudo me acontece?

A consciência volta a assobiar-me que não vou bem preparada. Não levo comigo um plano estratégico consistente, e ainda menos um plano de negócio credível. Os resultados teimam em contrariar-me. Lamento-o profundamente. Afinal, foram muitos anos de dedicação para construir uma carreira sólida e de sucesso. E está tudo a perder-se. Apenas levo na bagagem a reputação conquistada com êxitos do passado. (...) A grande profissional, como muitos me viam, está agora seca e estéril. Sei já não ser capaz. O meu disco rígido está cheio e desconfigurado. Não tenho a mesma produtividade. Para poder assimilar o que quer que seja, tenho de eliminar outra informação. Memória *full*. Tenho o raciocínio atrofiado, não consigo ter um discurso fluido e inteligente, a objetividade e a criatividade abandonaram-me sem licença. Perdi a capacidade de me focar no essencial, a destreza de priorizar. Até quando conseguirei disfarçar que o meu talento agora é nulo? Sinto-me esgotada. *Burnout*. Queimei até à exaustão.

Vejo no telemóvel mais uma mensagem no WhatsApp vinda do Lourenço. Está preocupado comigo. Não me apetece responder. Coloco-o em modo de voo.

Uma hospedeira de bordo chama a atenção dos passageiros para apertarem os cintos e escutarem as normas de segurança. O avião inicia as manobras para levantar voo. Hora prevista de chegada: 20h05, uma hora a mais de fuso horário. Parece que lá chove bastante. O céu de Lisboa também está cinzento. A tripulação prepara-se para a descolagem. Respiro fundo. Tenho ainda três horas de viagem, pode ser que consiga dormir um pouco. Quero lá chegar com melhor cara.

Já em velocidade de cruzeiro, fecho os olhos para tentar adormecer, mas os meus pensamentos desenfiados continuam a pairar sobre a cabeça sem me darem descanso. Sombrios, maléficos, girando em círculos como abutres à espera do momento certo para me abocanhar mais um pedaço.

Nunca na vida pensei chegar assim aos 50 anos. Não era esse o plano. O meu plano era chegar aqui com uma vida estável, com legitimidade para delegar sem ter de trabalhar tanto, e poder dedicar-me a uma paixão antiga, guardada num armário à espera de ser restaurada. (...)

Vejo agora que o meu talento em matemática acabou por me trair. Nem eu nem ninguém pensou, nessa fase, que o meu engenho para a matemática podia significar habilidade para a música. Desviei-me da minha maior vocação. Mas o universo fala por números. É irónico, não é?

Apesar de tudo, sempre imaginei sentir-me plena aos 50. Acreditava que seria feliz para sempre. Até há poucos meses, se dividisse um círculo em várias fatias que representassem as diversas áreas da minha vida e se as preenchesse proporcionalmente à realização que representavam, quase todas seriam preenchidas a 90%: amor, família, saúde, dinheiro, profissão, diversão... A única fatia que ficaria praticamente em branco seria a fatia do eu, a do tempo para mim. Não fiz nada por mim, apenas confiei na genética: bom corpo, boa cabeça, e para sempre. Não me alimentei como devia, não fiz exercício físico, não meditei, e não parei de fumar. Não me preparei para impacto dos 50. Excesso de confiança, reconheço agora. Achei que iria conseguir preservar a minha juventude, quer na aparência, quer na atitude como no pensamento, apenas experienciando e somando vivências satisfatórias, sem nada fazer por mim. Trabalhei até hoje como se ainda tivesse 30 anos, esgotando todas as reservas de energia.

Nisto, sou sacudida pelo passageiro do lado para que aceite a refeição que a hospedeira me quer passar. Sorrio, meio incomodada pela interrupção da minha história em retrospectiva, e estico o braço para alcançar a caixinha com o lanche. Logo atrás surge o comissário de bordo com o carrinho das bebidas.

- O que deseja beber? - pergunta-me com um olhar vivo.

É um jovem lindo. Cabelo claro, barba aparada de três dias, olhos verdes e um sorriso com uma dentição de fazer inveja.

- Pode ser um bagaço! - respondo marota, tentando recuperar o sentido de humor de outrora.

- Ahhh... isso não temos. Mas temos um vinho branco fresquinho de que vai gostar.

Olho para cima como se quisesse alcançar a testa com as pestanas, e, numa breve reflexão, hesito, caramba, se beber vinho ao lanche, então isto está mesmo mal. Mas não, não... eu mereço.

- Pode ser, por favor. Cheio... - aceito com um sorriso ainda mais malicioso.

O comissário brinca e serve-me até ao topo do copo. O primeiro trago escorrega que nem seda. Fresco, intensamente frutado, creio ser da casta *Sauvignon Blanc*. Fico surpreendida com a qualidade.

Volto a aconchegar-me na cadeira, depois de guardar o lanche para logo. E rapidamente volto ao registo anterior, passar a minha vida em retrospectiva.

(...)

Agora, vou a caminho de Milão com o coração despedaçado. Há dois meses, aconteceu o inevitável: com toda a elegância que o caracteriza, o Lourenço falou-me abertamente que começou a sentir rotina na nossa relação, blá, blá, blá, e que recentemente tinha conhecido uma mulher interessante, ou melhor, fascinante. É de nacionalidade sueca, instrutora de dança e também pratica vela. Confessou-me que se sentia de cabeça perdida, dividida, e que queria aproveitar o momento, porque “na vida, só nos arrependemos daquilo que não fazemos”, mas que eu seria para sempre a mulher da sua vida.

Como esposa amiga que sempre fui, reagi o melhor que consegui. Não estava a ser eu, o meu eu não seria tão compreensivo. O meu amor incondicional fez-me reagir sem dramas ou julgamentos, e até apoiá-lo. À medida que sentia que lhe saía um peso dos ombros, ia-me tornando mais colaborante. Só queria o bem dele, que ele fosse feliz. E depois, apreciei-lhe a coragem e a lealdade: a verdade acima de tudo. Entre nós não há joguinhos. Mas quem quer conhecer sempre a verdade deverá refletir primeiro se valerá a pena, pois pode ser melhor continuar na ignorância. Ouvir o que não se deseja pode ser duro e exige calçar os sapatos do outro. Por isso, nunca pergunte pelo que não desejas saber.

(...)

Num gesto de buscar conforto, levo a mão ao pescoço e procuro as três medalhas na corrente de prata: R de Rita, A de Afonso e D de Dinis. Pelo menos tenho os meus filhos. Tenho de conseguir dar a volta por eles, não merecem ter uma mãe depressiva e andam tão tristes. A Rita não se apercebe muito, passa o tempo fora de casa com as amigas a estudar, ou em saídas noturnas. Mas o Dinis e o Afonso sentem, sendo que o Dinis é o que me dá mais colo e o que baixou as notas a pique neste período.

Corre-me uma lágrima enviesada até ao cabelo. Endireito a cabeça, sem encontrar uma posição confortável. Dói-me a alma e o corpo, estou há demasiado tempo parada.

Oiço o comandante anunciar que o avião vai começar a descer. “Aterraremos em Malpensa dentro de 15 minutos.” Presto atenção apenas ao que informa sobre a temperatura local e estado do tempo. Chove. Abril, águas mil.

(...)

Ultrapassadas as nuvens e já a baixa altitude, o anoitecer dá vida às luzes da cidade que traçam os trilhos por onde circulam carros como formigas. Volto o rosto para a janela e vejo-o refletido no vidro. Um rosto que não é o meu, mas o de uma mulher já madura, envelhecida precocemente, com um semblante carregado e doentio, de pálpebras

inchadas e traços marcados. E o herpes labial é o maior protagonista neste rosto estampado de tristeza. Sinto-me em desgraça e cheia de pena de mim mesma.

Só que desta vez não desvio o olhar de mim como costume fazer, pelo contrário. Fixo o reflexo e penetro o olhar dela com todo carinho, como se finalmente acudisse a minha melhor amiga. E, de olhos nos olhos, profiro baixinho: “És uma mulher linda. Vais saber tomar conta de ti. Relaxa, vai correr tudo bem.”

Sinto o impacto do trem de aterragem a embater no solo. Até que enfim, cheguei.

1.1

O voo acabou por aterrar só às 20h30, meia hora depois do previsto. Mais atrasada estou para o jantar, que deve estar a começar.

Ativo o telefone e vejo as mensagens que entraram. Mais umas tantas do Lourenço, preocupado comigo. Outras do Esteban, meu amigo e colega catalão, que recentemente foi transferido para a sede em Milão como *controller* financeiro, dando suporte a todas as sucursais. “Quando chegas? Estás atrasadíssima... o *buffet* já começou”, escreveu. “Acabei de aterrar, começa sem mim”, respondo.

(...)

Na saída principal deixo-me ficar à entrada, paralisada pela chuva forte que se vê de dentro. Era só o que mais me faltava.

Tinha recebido instruções para me dirigir a pé até ao hotel, que ficava muito perto da estação. Vejo em frente a paragem de táxis. Abro o trólei sobre o chão sujo e retiro o guarda-chuva. Fico sem saber bem o que fazer, se ir para a esquerda ou para direita. Vou ao Google Maps para me traçar o caminho. Escrevo EXCELSIOR HOTEL GALLIA, Piazza Duca d’Aosta 9 e, efetivamente, dá-me uns 5 minutos a pé.

Nisto, aparece-me à frente um homem todo desalinhado, não sei se novo a aparentar ser velho se velho a aparentar ser novo. Encara-me e dirige-se a mim:

- *Bisogno di aiuto?*

É comigo que fala? Estou com cara de quem precisa de ajuda?

Tem um gorro escuro na cabeça, deixando os seus cabelos grisalhos e ondulados de fora. O blusão verde-seco fica-lhe largo, dando a entender ter sido de outra pessoa. É um homem alto, mas esguio. As mãos estão protegidas com umas luvas pretas sem dedos e seguram uma lata de bebida. Não me parece ser de cerveja. Não sei bem se é um mendigo, ou apenas um descontraído.

- Eu não falo italiano - respondo no meu idioma.

Rapidamente, volta a fazer-me a mesma pergunta, mas agora em inglês com uma pronúncia latina:

- *Do you need help?*

- *No, thank you...* - replico amavelmente, desviando o olhar para que me deixe em paz.

Sem arredar pé, assim permanece até que volte a encará-lo e, quando isso acontece, o seu olhar penetra-me fundo na alma e profere sem filtros:

- *You are a beautiful woman* - e vai-se embora.

O que ele acabou de fazer foi... sim, foi dar a mão a quem se está a afogar, puxando-me das profundezas. Encheu-me os pulmões de oxigénio, reanimando-me.

Sorri e agradeci-lhe, estando ele já fora do meu alcance, diluído na multidão. Algo me diz que ele sabia o que fazia. Como um anjo a soprar-me ao ouvido, recebi uma confirmação celestial às afirmações que fiz a mim mesma antes de aterrar.

(...)

Por fim no destino, reparo nos colegas de outras sucursais que fumam um cigarro aqui fora. Cumprimento-os, entro, e dirijo-me ao balcão.

Enquanto espero para fazer o *check-in*, leio mais uma mensagem do Esteban: “Mia, despacha-te! Já estão a retirar coisas do *buffet*! Fecham às 22h30!” Olho para o relógio e verifico que tenho poucos minutos. O restaurante está prestes a encerrar. “Faço o *check-in* depois!” Sigo as indicações de restaurante, arrastando o trólei molhado por entre os salpicos do guarda-chuva, marcando o chão com pegadas de corpo ausente.

O restaurante está praticamente vazio. São mais os empregados que andam numa correria para deixarem as mesas prontas para o pequeno-almoço. Praticamente todos os meus colegas já foram para os quartos, incluindo o Esteban.

Um dos empregados indica-me a mesa onde ficar, e diz-me para ficar à vontade. Ainda vão demorar mais de meia hora até fecharem. Pede-me apenas que me sirva de tudo o que quiser para poder retirar o *buffet*.

Comi. Bebi. Relaxei. E vou então dormir.

1.2

Abro as cortinas que pesam das grandes janelas e observo o amanhecer da cidade. Não se ouve um ruído, as janelas são bem estanques. Já não chove e até se veem uns tímidos raios de sol a espreitar por entre as nuvens. Continuo no mesmo registo, a sentir-me atrofiada, vencida, sem esperança e sem energia. Lamento a minha incapacidade de gerir as emoções, a fraqueza com que me deixo afetar pelas barreiras postas no meu caminho, incapaz de as ver como desafios.

(...)

Desço para tomar o pequeno-almoço e vejo o salão repleto de caras conhecidas. O Esteban está acompanhado e sem lugar para mim. *Ciao* a todos e sento-me à mesa mais próxima do *buffet*, não gosto de andar muito. Falta meia hora para a convenção começar, estou com tempo.

De surpresa, senta-se à minha frente o diretor-geral do grupo, Philippe Maes. Já comeu e bebeu café, e assim está disponível só para falar, falar, falar...

Apesar de belga, o Philippe passou metade da sua carreira em Londres, na sede de um dos gigantes internacionais do setor – líder em quase todos os mercados –, e a outra metade em Barcelona, como CEO da sucursal espanhola. A sua ambição de chegar mais longe fê-lo arriscar o certo pelo incerto, assumindo um cargo de direção geral de primeira linha num grupo que tenta sobreviver aos seus rivais. Está a dar os primeiros passos nesta empresa, a sua grande missão é gerar lucros em três anos e assim salvar a seguradora de uma venda iminente a um grande grupo. Cheguei a ter esperança nesta figura: era necessário sangue fresco, novos conhecimentos, especialmente de quem já esteve do outro lado da barricada. Tem uma excelente aparência, aos quarenta e sete anos mantém um porte atlético e veste-se com muita pinta. O cabelo, maioritariamente grisalho, ainda é farto e sem sinais de calvície. O tom de pele é dourado, os olhos cinzentos, o que no seu conjunto lhe dá um ar sedutor, mas apenas se estiver sentado. É tão baixinho que até dá dó.

Veio substituir Heinz Rahner, um alemão que também não ficou por aqui muito tempo. O pouco que ficou, foi o suficiente para nos deixar sem carne. Gastou todos os recursos que os sócios tinham disponibilizado, deixando um P&L com os piores resultados de sempre. Era um déspota dos valentes. A sua arrogância e autoritarismo desmotivaram departamentos inteiros, alastrando-se por todas as sucursais. A boa imagem que tinha dos germânicos desvaneceu-se. A sua saída foi aplaudida em massa. Ficaram os ossos.

Após meses em autogestão, ficámos aliviados e de esperança renovada com a entrada do Philippe. Mas, azar dos azares, saiu-nos um egocêntrico. Não consegue aplicar a regra de ouro para se ser um bom líder, a de saber ouvir. Bem pelo contrário, ouve-se apenas a si próprio. Eu, eu e eu. Inicialmente até foi interessante, pois era necessário fazer-se conhecer. Mas, depois, começamos a ouvir tudo de novo, uma e outra vez. Mais irritante do que a repetição, é o não querer saber do que os outros têm a dizer. Sempre que alguém tenta expor ideias ou dar uma opinião, ele interrompe desvalorizando, criticando, arrasando, ou então fala de si. Comigo nem se fala, deve ter-me topado logo como o elo mais fraco, pela fase que atravesso e pela facilidade com que se percebe que a minha natureza não gosta de conflitos. Na maioria das vezes prefiro paz à razão. Sempre que insisto em acabar a minha linha de raciocínio, grita-me a dizer que estou a interrompê-lo. Um pesadelo. Todos nos queixamos do mesmo. O nosso *boss* é assim, lá se foram as esperanças. Homem pequeno, ou velhaco ou dançarino, e eu nunca o vi dançar. Até o Esteban partilha da mesma opinião: ele é um perverso narcisista, um incontinente verbal, e a sua capacidade de liderança está muito abaixo da “mórdia”. Sim, um misto de merda com média.

De todos os processos que me trouxeram até ao estado mental em que me encontro, ele foi o vírus mais severo: danificou a minha capacidade de memória, desconfigurou os meus ficheiros importantes e afetou a minha velocidade de processamento. Tenho o cérebro exausto e não estou realmente nos meus melhores momentos para ter de aturá-lo logo de manhã. Não me sai da cabeça o desastre do meu casamento, o Lourenço não para de me enviar mensagens aconselhando-me a fazer terapia com psicólogo, e o que eu quero mesmo muito é desaparecer nos Himalaias.

Mas ele é um frenético e que remédio tenho eu senão abrir o portátil e mostrar-lhe o plano de negócios de Portugal a apresentar no dia seguinte. Sei estar uma cagada pegada, passei a semana a vomitar e o fim de semana no aeroporto. Não tive outra solução senão trabalhar a partir do plano do ano passado, no que ainda me soube elogiar. Mantive a ordem, apenas atualizei os dados financeiros referentes a este ano, adaptei a estratégia sem alterar as linhas mestras, e mudei as cores de fundo. Parece novo, mas é apenas um *copy-paste* do anterior, redecorado e com dados atuais.

Estava por isso à espera de um ataque ao conteúdo, mas...

- Mia, a ordem do plano está toda errada! Devias ter começado primeiro pelos KPI's, depois então os planos de ação e finalmente o sumário executivo - critica altivo.

- Philippe, a ordem é a mesma da apresentação de outubro, e obedece aos passos de um plano de negócio bem estruturado - respondo inquieta por ele estar mais preocupado com a ordem do que com as ideias.

Parece que me leu a mente, mudando o foco.

- Por que razão propões a saída deste produto do portfólio?

- Porque não é rentável. Já não é um dilema, é um negócio rafeiro e não vejo hipóteses de passar para outro quadrante interessante, especialmente sem recursos...

- Porquê? Não sou nada dessa opinião!

Proponho a concentração de esforços no que temos de potencial e não perdermos o foco. Não sei se está ensonado, estranhamente exponho as minhas ideias sem que ele me interrompa:

- É a minha visão. Continuamos a correr atrás de migalhas, desperdiçando atenção na rentabilidade do nosso negócio. Não somos uma autoridade nesta matéria.

- Exatamente! É para isso que tens de trabalhar! O negócio em Portugal já está fraco. Se comesças a cortar portfólio, pior vai ficar!

Fica irritado, detesta que o confrontem. Depois de ler a minha análise, franziu o sobrolho e com o indicador apontado para mim, comenta com sarcasmo:

- Continuas a criticar o Marketing de Desenvolvimento, a queixares-te de não teres orçamento para investires. Se este produto tem o mesmo formato noutros mercados e funciona, qual o pretexto de não funcionar em Portugal?

Ouç-o sem nada dizer. Na verdade, já não tenho forças. Primeiro, os mercados são muito diferentes em termos demográficos, sociológicos e económicos. Segundo, não é bem assim como ele está a dizer, eu também falo com os meus colegas homólogos e sei bem as dificuldades que atravessam nos seus mercados. Mas enfim, deixo-o continuar...

- Em vez disso, devias dizer o que é que consegues fazer com o que tens! Portugal está com má reputação, ouviste? E eu sei porquê! Porque tu não és capaz! Porque trabalhas de forma obsoleta! Não sei até quando vou conseguir tapar o buraco de Portugal.

“Obsoleta o tanas!”

(...)

O Philippe é eficaz a fazer-me sentir um júnior num estalar de dedos. A falta de meios leva-me à impotência, a impotência ao fracasso, e o fracasso a acreditar que sou mesmo um júnior. E arrasa mais uma vez o meu ego. Neste momento considero ajoelhar-me aos seus pés. Não para o idolatrar - ele gosta que o “chupem”, como todos o dizem na

brincadeira nas costas –, mas para que me dê com um taco bem forte no crânio até o partir de vez. Daria tudo para não estar aqui.

1.3

Passei o dia da convenção afastada dos meus colegas, pouco disfarçava a minha angústia, só queria estar sozinha. Até o Esteban estava impressionado com o meu semblante. Ele sabe de quase tudo da minha vida, é um bom confidente. Estava triste por mim, enraivecido com o Lourenço e nauseado com o Philippe. E respeitou que eu quisesse isolar-me de todos.

(...)

Com o “complicómetro” ligado, não paro de chorar toda a jornada. Sempre de óculos postos para disfarçar, vou passando discretamente com a língua nos cantos da boca, acolhendo as lágrimas que escorrem sem parar. Ninguém se apercebe, a verdade é que me tenho posicionado sempre estrategicamente para não ser vista. O mais atrás possível e ao canto da grande sala de apresentações. Fujo dos lugares de destaque.

Nos intervalos, refugio-me na casa de banho. Os meus olhos são os de um peixe sem vida há muito. Nunca tiro os óculos escuros, mesmo sob luz artificial. Ao manter-me neste negrume que me assombra, não preciso de fazer muito esforço para que todos se afastem de mim. Naturalmente, ninguém se sente atraído. Funciono como um íman, mas ao contrário, de efeito repelente.

Felizmente, hoje não é o dia da minha apresentação. Só tenho que ver e ouvir. Tenho que me controlar e me preparar para o *cocktail* desta noite.

São 18h45 e finalmente já podemos subir aos quartos. Temos de estar prontos no *lobby* do hotel às 20h em ponto. Ninguém espera por ninguém.

Tomo um duche prolongado, sentindo o conforto da água quente a escorrer-me pela coluna, até o vapor de água invadir a casa de banho densamente. Peço a Deus que me dê forças. O que me apetece mesmo é inventar uma desculpa e não ir ao jantar. Preferia beber um chá e enrolar-me na cama, mas continuo a preparar-me. Lavo bem o rosto e esforço-me para ter boa cara. Coloco pouca maquilhagem. Prefiro não carregar, dar-me-á um ar mais pesado. Ainda por cima estou com o herpes labial a estragar-me a pouca beleza. Triste miséria.

(...)

1.4

THE STAGE, Piazza Gae Aulenti

Seguimos em dois autocarros *pullman* até à Piazza Gae Aulenti, em direção ao restaurante. A viagem foi curta. Não fica muito distante do hotel, mas a previsão de chuva e noite fria impediu que o fizéssemos a pé com conforto.

Saimos em frente às escadas icónicas que dão até àquela praça, passando por um grande complexo construído em madeira que não sei o que é, talvez um centro de congressos, bem no epicentro da zona mais moderna de Milão. A grande praça circular é desafogada e bem arejada, rodeada de lojas de luxo e restaurantes de igual nível, inseridos em edifícios de estrutura metalizada revestidos de vidro. Sobressaem da praça duas grandes torres, cujo alçado principal concavo se encaixa em harmonia com o círculo da praça, totalmente envidraçadas, como que esculturas gigantes urbanas a arranharem o céu, cuja iluminação noturna interior nos permite ver que são escritórios de grandes instituições ou empresas. Toda a construção ao redor é inspiradora e de tendência futurista. “Muitos filmes publicitários internacionais são aqui rodados”, oiço os italianos comentarem orgulhosos.

Atravessamos a praça contornando a grande fonte ao centro. Esforço-me por me concentrar na beleza da arquitetura. Um e outro vão puxando conversa comigo numa caminhada apressada, ultrapassando o frio que se faz sentir. Tento ser agradável como sempre, mas com esforço. Na verdade, estou a fazer um sacrifício enorme.

Entretanto, Esteban aproxima-se e agarra-me pelo braço, tentando dar-me força. Não há muito mais para dizer, já passámos horas no Skype na sexta-feira passada. Peço-lhe que não se preocupe comigo. Não foi difícil afastá-lo, pois ele quer aproveitar a oportunidade para estar junto do seu novo chefe, recentemente recrutado pelo Philippe. Ele mesmo também tem andado triste e desmotivado, e tem de se agarrar a alguma coisa que o ressuscite.

Enquanto todos se amontoam à porta do THE STAGE para entrarem o mais rápido possível, eu deixo-me ficar para trás propositadamente, enquanto fumo um cigarro. O cigarro é sempre uma boa desculpa para disfarçar a insociabilidade.

(...)

Não vejo o tempo passar.

“Está frio!”, apago o segundo cigarro e volto para dentro.

Assim que acabo de subir as escadas, já ninguém se encontra de pé na sala do bar, já estão todos sentados à mesa. “E agora?”, sinto o coração disparar, quase em pânico. Todos os lugares das mesas onde os meus amigos se sentaram estão ocupados, e os únicos vagos são em mesas onde está o pessoal administrativo. Além de não os conhecer bem, não me identifico muito com eles. Empatia zero.

“Ena... que grande aborrecimento vai ser este jantar!”, já me sinto bem-humorada o suficiente para preferir o meu grupo de amigos.

Deambulo pelo restaurante perdida, não me apetece ficar com os alemães nem com os italianos ou os ingleses... não estou com espírito para fazer conversa, especialmente em inglês, que me obriga a pensar. Mas são as únicas mesas com lugares ainda vagos. Ninguém repara em mim, estou completamente invisível. “Hum... não, aqui não fico!”, e reajo atravessando a sala à procura dos meus colegas chegados.

Vejo-os sentados a uma grande mesa de canto, encostada a um janelão, rodeada por um confortável assento corrido em U cor de marfim, fechada com cadeiras do lado de fora. Confirmando meio aparvalhada que não há um lugar disponível para mim. “Não pode ser...”, e deixo-me ficar de pé assim, estática, até que interrompo as conversas entre eles, bem animadas por sinal, e com um sorriso idiota pergunto alto e a bom som:

- Olá.... Então? Ninguém se lembrou de me reservar um lugar?

Como se a culpa fosse deles.

No mesmo instante, como se tivessem sido picados por um alfinete, reagem arredando-se imediatamente para o lado. Encostam-se uns aos outros arrastando simultaneamente os marcadores sobre a mesa, de forma a que eu caiba no canto de fora, próximo de onde estou. E aqui me sento numa pontinha, satisfeita e aliviada.

Logo vem um empregado colocar o meu lugar de mesa, transferindo os utensílios de um lugar vago distante. Respiro fundo, afinal até tenho sorte.

O meu humor vai subindo à medida que o vinho vai entrando. “Meu Deus, como é delicioso, que fragrância!”, predomina a casta *Chardonnay*, a que mais gosto, intensamente frutado. Beber um *Friuli-Venezia Giulia*, reconhecido como um dos melhores de Itália, não é para todos, nem todos os dias.

(...)

Parte da noite já passou e sinto-me bem melhor. Mais recomposta, converso com pessoas inteligentes temas interessantes e aprecio a noite. Longe de pensar no que pode vir a seguir.

A conspiração dos Deuses

Fui sendo servida por um só empregado, sem lhe prestar atenção. Reparo apenas que é despachado e eficiente. Estamos na fase de ser servida a sobremesa e, nesta altura, muitos já se levantaram para falar com colegas de outras mesas, ir à casa de banho ou fumar lá fora. Já não há disciplina de lugares sentados, e os meus convivas dos lados também acabaram por se levantar, deixando-me isolada.

De olhos mortíços postos sobre a mesa, deparo com a sobremesa ser colocada à minha frente. Olho de relance para o empregado para lhe agradecer com o habitual “*grazie*”, voltando-me novamente para o prato, que ele ainda segura na mão. E neste momento sou surpreendida com um doce comentário próximo do meu ouvido, em italiano:

- *Sei una bella donna* - declara muito discretamente, ainda inclinado.

Penso não ouvir bem, não por não dominar bem o italiano, mas por achar despropositado. Dirijo o meu olhar na sua direção. Já ereto, o homem mantém-se de frente próximo de mim, esboçando uma expressão simpática e algo nervosa, confirmando ser dele o comentário que acabei de ouvir.

Vê que a minha cara é de incredulidade e volta a inclinar-se, repetindo:

- *Sei una bella donna. Voglio incontrarti.*

E desaparece.

O meu italiano é péssimo, mas suficiente para entender que ele disse que sou uma mulher bela e que quer conhecer-me.

Com o queixo a bater-me no peito e a velocidade do sangue a aumentar, não consigo evitar sorrir como uma menina, desviando o rosto para esconder o embaraço. Nunca fui uma mulher tímida, mas há anos que não sou cortejada. Confesso que estou perplexa e contente. Pensava que já ninguém olharia mais para mim assim.

Enquanto ele prossegue com o seu trabalho, vamos trocando olhares disfarçadamente, até que chega o momento de nos servir os cafés.

Começa pela outra ponta da mesa por perguntar um a um se bebem café ou outra coisa, deixando-me para o final. Até que chega a minha vez. Os meus colegas do lado ainda não voltaram e os mais distantes conversam animadamente. Estou fora do foco.

- *Un decaffeinato, per favore...* - peço-lhe algo altiva.

Finge não me ouvir: a música ambiente e o entusiasmo ruidoso dos comensais podem ter dessas coisas. Por isso aproxima-se mais e mais ainda num gesto rápido, aparentando atender-me. Pede-me sem rodeios o meu número de telefone, sem mostrar consciência da sua ousadia.

Finjo não ouvir. E repete:

- *Dammi il tuo telefono. Voglio parlarti.*

Está mesmo a meter-se comigo.

Levanto a cabeça e olho-o fixamente, incrédula. Quero reparar bem na pessoa que aqui está. Vejo um homem com bom aspeto, com ar limpinho, bonito, de estatura média, com uma simples camisa branca cintada e calça preta de corte cigarro que realça a sua silhueta elegante. É do tipo moreno, tipicamente italiano. O corte de cabelo é raso em quase toda a cabeça, apenas longo no topo estilo jogador de futebol. Nada o meu género, diga-se de passagem. Mas o que mais me surpreende é a idade. Deve ter uns 33 anos, máximo 35. Bem mais jovem do que eu. E quer o meu número de telefone. É doido?

Ele pressente que estou recetiva e, como no grupo há muita gente de diferentes origens, quer saber quem sou, curvando-se respeitosamente, no limite da distância socialmente correta:

- *Parla italiano?* - pergunta olhando de um lado para o outro, controlando se alguém perceberá o que se está a passar.

- *No, io no parlo italiano, io parlo inglese* - respondi trocista, reclinada no banco almofadado que mais me parece uma nuvem.

- *Ahhh... io no parlo inglese... solo francese. Parla francese?* - pergunta com um sorriso disfarçado.

Encolho os ombros. Verdade? Francês? Há décadas que não falo francês...

Interrompe o meu impasse com ar de gozo, dando a resposta por mim:

- *Comme si, comme ça? Un petit peu? Non?*

- *Un petit peu...* - Como não sorrir e consentir? Gosto do seu atrevimento.

- *On parle en français, alors! Donne-moi ton numéro de téléphone. Je veux te rencontrer!*

E sai para começar a servir os cafés. Ficam-me as covinhas do seu sorriso.

Quer conhecer-me? Nem acredito! O que está a acontecer? Ainda bem que o voo de amanhã foi adiado. Querem ver que afinal não vou passar a noite sozinha? Há anos que ninguém se interessava por mim, e logo agora com esta idade e com esta cara! Caramba... E logo me vem à cabeça o homem que me abordou ontem à saída da Estação Central,

nada é por acaso. Pode ser a minha última chamada, não voltarei a ter uma oportunidade destas. Será que vai mesmo acontecer?

Essa possibilidade deixa-me bastante animada. Ainda incrédula, sem conter um sorriso aparvalhado que teima em agarrar-se à cara, deixo-me levar, e, cada vez que ele passa para servir, faz-me a corte. Já nem me lembrava da sensação de ser cortejada, ou melhor, engatada. Sim, estou na iminência de viver um *flirt*, de fazer sexo com um estranho e estou a gostar da ideia. Alimenta-me o ego e permito soltar-me.

Observo os meus colegas à mesa, que continuam a conversar uns com os outros, sem darem por nada. Entretanto, regressam à base os que estavam ao meu lado, mas já não consigo continuar a conversar. Prefiro distrair-me com esta situação inesperada.

Encosto-me atrás para que possam conversar entre eles, fingindo que estou a prestar-lhes atenção. Apenas penso como vou sair desta e como passar-lhe o meu contacto sem que ninguém se aperceba. “Dou-lhe o meu cartão profissional?” Não, não vou fazer isso com um desconhecido. Não tem de saber quem sou nem onde trabalho, é só para o que é. “Pensa Mia, pensa!”

Não perco muito tempo até encontrar solução, assim que olho para o topo do marcador. Pego na folha da ementa pousada à minha frente, desenrolo-a, pego numa caneta e escrevo “Mia”, abaixo o número de telefone sem esquecer o indicativo, e na terceira linha “WhatsApp”. Volto a enrolar o papel bem enroladinho e guardo-o no bolso do bolero com ar de safada. “O que estás tu a fazer?”

Este pensamento denunciou-me. No outro canto da mesa, uma colega interpela-me com um sorriso de orelha a orelha:

- O que estavas a escrever, Mia? Estás com uma cara de caso... he, he, he.
- São só umas ideias para amanhã - respondo marota.
- Que misteriosa estás, Mia...

Ouvi e sorri. Acho que fui apanhada, mas não quero saber. Sou maior e vacinada. Uma energia imensa despertou em mim.

Descobri, entretanto, que não é preciso sair do restaurante para fumar. Há um terraço coberto bem mais próximo. Apresso-me antes que o café seja servido, deixando o recado à colega mais próxima: “Quando o empregado chegar com o descafeinado, em vez de o deixar na mesa, que o leve ali fora, vou fumar”.

O terraço, apesar de coberto, é gelado. Só eu é que não me queixo do frio, pudera. Sento-me a uma mesa discreta e sem ninguém por perto, ansiosa, na verdade.

O rapaz chega então com o café, perguntando logo em francês se já lhe escrevi o meu contacto. Sem nada dizer, estendo-lhe a mão entregando-lhe o papel enrolado sem qualquer receio, com a certeza de que faço a coisa certa. Estou entusiasmada, distraída, e já não sinto angústia ou o coração esmagado. Apenas o nervoso miudinho de uma adolescente a fazer asneira. Arranca-o das minhas mãos como um golpe de magia e mete-o no bolso a uma velocidade supersónica. E pisga-se. Não pode ser apanhado.

De regresso ao hotel, entro no autocarro ainda em câmara lenta, completamente nas nuvens. Não por ter bebido, estou bem consciente. Estou finalmente a sentir alegria e gratidão por esta reviravolta inesperada, por este mimo que começou com o homem de luvas sem dedos.

1.5

Mal entro no quarto, vou de imediato espreitar o telemóvel, como uma *bambina*. Não o consegui fazer no autocarro, já que a companhia do lado não parava de falar comigo.

Confirmo com satisfação já ter uma mensagem dele no WhatsApp, “Ciao, cara”, com uma foto em que está de camisa tipo havaiana, chapéu branco e pele dourada. Percebo que não é recente, deve ter sido tirada no último verão em férias. Ainda bem que a enviou, já não me recordava bem do seu rosto, apenas do sorriso. Estávamos à meia-luz e foi tudo muito rápido.

Respondo-lhe:

“Ciao bambino, piacere di conoscerti”, quis ser atrevida tratando-o por miúdo, e que tive prazer em conhecê-lo. Sim, não vou perder a oportunidade.

“Mi fa piacere anchi a me”, o prazer é dele, responde educadamente.

“Quando andrai a Lisbona?”, sem como saber puxar conversa, vou logo perguntar-lhe quando viria a Lisboa. Que que tonta! Ainda sou uma novata.

“Quando vuoi tu...”

“Humm...”, quando eu quiser?

“Sei single?”

Single é solteira? Não lhe respondo. Não quero conversar mais, estou demasiado cansada para andar no tradutor para cá e para lá e preciso de descansar. Por isso escrevo apenas “Buonna notte” e gravo o seu contacto como “Italiano”.

Mas eis que volta a falar comigo, desta vez em francês, perguntando-me até quando estarei em Milão. Atrapalhada, resolvo ir novamente ao tradutor, mas desta vez não memorizo, copio o texto traduzido e colo-o diretamente no WhatsApp. Respondo-lhe que estarei até quinta-feira, e que tenho apenas mais uma noite... “Je pars jeudi, je ne reste qu’une nuit de plus”.

Assim que envio a mensagem o telefone toca. É o italiano que me está a ligar. Tremo como varas verdes. A sua foto de perfil é a de uma flor, poderá ter algo de poético. Admiro os homens que admitem gostar de flores sem preconceitos. Não sei o que faça, atendo? Mal sei falar francês... que cena!

Deixo-o tocar ainda algum tempo até que finalmente o atendo sentada na cama. A sua voz é fresca, cheia de jovialidade:

- Allô, ça va? - cumprimenta confiante, mas ansioso ao mesmo tempo.

- Oui, ça va bien - respondo insegura, sem saber o que dizer.

- Je veux te voir. Demain. Tu viens dîner avec moi!

Ouvi bem, “quero ver-te amanhã, tu vens jantar comigo”. E não convida, ordena.

- Demain? Je ne sais pas... - faço-me de difícil, mas a dificuldade maior é mesmo o idioma.

- Je veux te rencontrer. Demain tu viens chez-moi. Jusqu’à quelle heure tu travailles?

Ele insiste em querer estar comigo em sua casa, o que me deixa lisonjeada. Mas porque pergunta até que horas trabalho? Seja como for, consulto a agenda que está em cima da cama para ver a hora suposta do fim da convenção:

- *Hum... je serais libre après cinq heures de l'après-midi, je crois...* - respondo-lhe que deverei estar livre depois das cinco da tarde.

- *Alors, à six heures de l'après-midi chez-moi!* - conclui.

Teima para estar na sua casa às seis da tarde. É mesmo mandão ou é só impressão? Que persuasão, credo! Ir às seis da tarde? É doido? Vou dizer-lhe que a essa hora não.

- *Non, non... six heures? C'est...* - balbucio. É demasiado cedo, e como se diz isso em francês? É mais fácil dizer sem gaguejar que a essa hora não dá, e que só posso às oito. - *Je ne peux pas à cette heure, seulement à huit heures.*

Faz-se uns instantes de silêncio até que volta a insistir:

- *Non, huit heures c'est trop tard. J'ai besoin d'avoir de temps avec toi* - persiste, dizendo que a essa hora é muito tarde e precisa de tempo comigo.

A sua voz tem mel ou tem visco. Que agarra, agarra.

- *Je ne peux pas avant, je, je...* - respondo, hesitante, com dificuldade em me expressar. Nem pensar ir antes das oito da noite. Não é necessário tanto tempo juntos. Além disso, só quero que me veja à luz da noite.

Finalmente rende-se:

- *Ok, huit heures alors. Je vais t'appeler demain et je te donnerai mon adresse.*

- *Ok. Ciao.*

- *Ciao, buona notte.*

Boa! Amanhã liga-me para passar-me a morada. Isto está a ser emocionante! Ponho o alarme para despertar e estendo-me na cama de braços abertos sem acreditar no que está a acontecer-me. Será mesmo verdade? Serei capaz de cometer a loucura de ir jantar a casa de um estranho, em Milão?

Preparo-me para dormir, ainda meio atordoada com a volta que estou a dar. Estarei bêbada?

1.6

Entro na sala de reuniões ainda meio dispersa, e procuro um lugar ao lado da Jennie, a minha homóloga inglesa. Reconheço a pasta na cadeira e ponho a minha ao seu lado, também para marcar lugar. Faltam apenas 10 minutos para as apresentações dos planos de negócio começarem, mas ainda tenho tempo de ir lá fora fumar um ou dois cigarros, os que me atenuem a ansiedade até ao intervalo.

Sinto-me mais confiante e sem o *stress* de ontem. Os meus pensamentos andam curiosos com o que se vai passar logo à noite, desejosos que o dia passe depressa.

Passo os olhos pelo WhatsApp e vejo que entraram mensagens do Lourenço, da Sofia, e do Italiano a desejar-me bom dia. É a essa que respondo primeiro, começando por lhe perguntar se teve uma boa noite. O telefone toca imediatamente a seguir. É ele.

Paraliso, aflita.

Não o atendo, explicando-lhe por escrito que estou a trabalhar e que falamos depois. Rapidamente obtenho a sua resposta: “Ok, *appelle-moi quand tu es libre.*” Pede-me que lhe ligue quando eu estiver livre. Mando-lhe um *emoji* com um beijo. “Mmm, *belo bacio*”, devolve em italiano a quebrar o gelo.

(...)

Reiniciaram-se as apresentações da tarde com grande atraso, o que fez com que terminássemos sem que Portugal tivesse tempo de antena. Muitos têm de seguir para o aeroporto em cima da hora.

- Sinto muito - lamenta o Philippe -, não deu tempo para tudo. Envias-me depois por e-mail em PDF e eu reencaminho para todos.

Sinto um alívio extraordinário. Desta vez estou radiante por Portugal ser o parente pobre.

Enquanto me despeço daqueles que entram no autocarro que os conduzirá até ao aeroporto, penso afinal na sorte que tenho por ficar mais um dia em Milão. Todas as sucursais partem neste dia, apenas os da sede ficam para o dia seguinte.

Vejo o Esteban com um olhar cansado, o dia ser-lhe-á longo e amanhã continuará. Enquanto eu, livre que nem um passarinho, afasto-me de todos em pulgas para falar com o Italiano por mensagem. Quero saber como se chama, se vive perto daqui e se é fumador.

Assim o faço, e de rajada:

“Allô, *ça va? Je ne sais pas ton nom encore... Tu habites proche de la Gare Centrale? Mon hôtel est à côté. Combien du temps pour aller de taxi chez-toi? Ah, par curiosité, es-tu fumeur?*”

Quero preparar um cigarrinho maluco para logo e poder sentir-me mais descontraída, mas se me responder que não fuma, será complicado. E assim saberei se devo preparar-me mentalmente para um jejum tabágico, não quero ter a boca a saber a cinzeiro.

“Oui, *je fume des cigarettes*”, responde já *online*.

Consolada por ser igualmente fumador, dou-lhe sinal verde para me ligar:

“*Je suis libre, tu peux m'appeler.*”

Não hesita nem um pouco. O telefone toca logo a seguir.

- Vem, vem já. Estou à tua espera!

Pela voz e discurso, parece muito ansioso. Faço contas: são cinco e meia da tarde. Eu ir já? Puxa, é insistente...

- Conta comigo só a partir das sete e meia - respondo, resistindo ao seu tom autoritário. - Envia-me o teu endereço para eu ir de táxi, está bem?

- Envio-te já de seguida. Em que hotel estás?

- Estou no EXCELSIOR GALLIA, Piazza Duca.

- Excelente hotel... 5 estrelas, muito luxuoso. Conheço-o bem, já trabalhei lá.

- É longe da tua casa?

- Não, fica tranquila. Fica a uns quinze minutos de táxi. Estás próxima.

Que alívio... olhem só se ele vivesse nos arredores de Milão. Que sorte!

Antes de terminar a chamada, ocorre-me algo extremamente importante:

- Ah, já me ia esquecendo... que tipo de vinho queres que eu leve? Espumante? Branco, tinto?

Faz-se um silêncio prolongado. Reparo que hesita na resposta. O que terei dito de errado?

- Bem... traz o que quiseres, o que gostares para ti...

1.7

(...)

Decido levar-lhe antes um chocolate e, lembrei-me a tempo, também umas velas. Sim, os homens não são românticos, muito menos num caso repentino. E eu preciso de velas para ficar mais descontraída, sei lá, a atmosfera torna-se mais propícia para uma boa conversa, e mais sedutora também. É isso.

(...)

Volto para o hotel a pensar na roupa que devo vestir. Não que tenha muita para escolher. Olho para o relógio e vejo que tenho de me apressar... o coração já começa a palpitar. “Respira fundo Mia, nada de ansiedade. Vais fazer tudo com calma.” Percorre-me pelo corpo uma eletricidade que pretendo atenuar. A curiosidade de saber como ele beija, a que sabe, o que sentirei na primeira penetração, e se ainda saberei fazer amor com alguém que não o Lourenço, deixa-me expectante. A última vez foi há tanto tempo que já nem me lembro. E agora, será com um homem que vi furtivamente uma única vez. É entusiasmante e agita, e essa sensação agrada-me, muito. Faço o caminho quase todo aos saltinhos. Estou de sapatos rasos, mas ninguém o diria.

1.8

Entro no táxi confiante, e, antes de arrancar, mostro pelo telemóvel ao taxista a morada que o Italiano me escreveu.

- *Via Cascia 7* – repete aconchegando os óculos.

- *Grazie* – agradeço aliviada por não me pedir indicações extra.

- *Prego, signora.*

Encosto-me confortavelmente, mantendo o saco de papel com as compras do supermercado em cima do colo, não quero esquecer-me dele. Já não seria a primeira vez que deixaria algo dentro de um táxi. Releio a morada, “número 7, sete notas musicais...”

Pouco depois, três minutos talvez, pergunto ao taxista se o percurso é longo e quanto tempo demorará a lá chegar.

- Depende do trânsito, a esta hora de ponta... talvez uns vinte minutos – conclui.

Isso tranquiliza-me. Chegarei lá pouco depois das oito.

(...)

Quinze minutos passados e começo a ficar tensa. Desencosto o traseiro e inclino-me para frente de pescoço esticado, atenta ao panorama para lá do para-brisas. “E se ele é um psicopata? E se me acontece alguma coisa?”

Acalmo rapidamente quando penso que, afinal, morta já eu estava. Sim, até ontem estava morta. Portanto, tanto faz o que poderá vir a acontecer. Seja o que for, estou a viver. A única coisa que não quero é que, caso me aconteça alguma coisa, os meus filhos andem perdidos para saberem de mim.

E então envio uma mensagem à minha grande amiga que sabe que me encontro em Milão:

“Sofia, vou agora para um lugar desconhecido, depois conto-te. Não te preocupes comigo, está tudo bem. Quero simplesmente que fiques com este endereço, caso me aconteça alguma coisa.”

A Sofia está em casa doente, sofreu uma forte intoxicação alimentar que a atirou ao chão. Por sorte, está *online*.

“O que se passa Mia?”

“Estou a começar uma aventura daquelas com bolinha vermelha... eu depois conto-te.”

“Miúda, tu andas muito instável... estás a deixar-me preocupada. Fala comigo!”

“Eu estou ótima, a sério! Aliás, há muito que não me sinto tão bem...” E mando-lhe um *emoji* com um diabinho.

“O quê? Quero saber tudo! Quando lá chegares, envia-me a localização, ok?”

“Ok!”

“Vai-me dando notícias. Sinto que estás animada. Seja o que for, vive o momento! Diverte-te ao máximo, mas tem cuidado! Beijinhos.”

Neste percurso de tempo, o dia deu lugar à noite rapidamente.

O táxi dirige-se para um bairro menos populoso, onde os prédios são baixos e afastados, e a construção aparenta ser recente. Até que este entra num beco sem saída e continua até ao fundo, devagarinho, parando finalmente em frente a um edifício semelhante a um búnquer.

Parece uma discoteca. Confesso que estou confusa e um pouco assustada. De esquina para o edifício vejo a fachada e o alçado lateral bruto, sem janelas. E no topo, junto ao telhado, vários holofotes alinhados projetam cones de luz que se entrelaçam na grande parede, comum em discotecas ou espaços de espetáculo.

“E agora? Se calhar o encontro é num restaurante e eu achei que era na casa dele. Tontinha...”

Ligo para dizer-lhe que cheguei: “*Je suis là*”. Pedo que o espere dentro do táxi e que já virá buscar-me. Está completamente escuro e chove novamente.

Abre-se então um grande portão de acesso a carros, e lá o vejo a aproximar-se debaixo de um grande guarda-chuva sob a luz dos holofotes, de sorriso aberto. Fico tranquila, embora inquieta. Não é constrangedor como pensava que seria. É como se me aparecesse à frente um amigo ou um colega recente.

Pago e abro a porta, meia atrapalhada pela chuva miudinha. Ele ajuda-me a sair, cobrindo-me com o seu grande chapéu, agradece ao taxista e fecha a porta. Pega

gentilmente no meu libertando-mo da mão, e dá-me o braço para que não me molhe. Sinto-me abrigada e segura.

Fomos entrando pela propriedade, um condomínio com um grande relvado a atravessar para chegar ao edifício do outro lado, onde mora. O caminho sobre a relva é marcado por um trilho de placas de madeira que, molhadas pela chuva, se tornam muito escorregadias.

- *Fait attention!* - adverte, dando-me o braço com maior firmeza.

O chão desliza como gelo, mas sinto-me em equilíbrio agarrada ao seu braço, rijo como pedra. Gosto disso. Aventureira, divirto-me em ultrapassar o primeiro desafio.

Chegámos ao edifício e entramos num pequeno átrio, onde lanços de escadas desencontrados e algo confusos dão para o elevador de exterior. Não é um elevador qualquer: parece um monta-cargas, enorme e de inox, onde pode caber um Fiat 500. Não presto atenção se subimos se descemos. Quando este se abre, surge à direita um longo corredor, misterioso e fora do comum, com paredes verde-pistache e portas dos apartamentos cinza-escuras. A iluminação artificial é lusco-fusco, muito agradável. Gosto imenso do que vejo, construção moderna, alternativa.

(...)

Volto à terra quando oiço o tilintar das chaves a abrirem a porta do apartamento.

- Chegámos...

Convida-me a entrar. Segue-se um longo corredor de iluminação baixa, algo intrigante. O chão é de cimento polido, na tendência e confortável. Parece irradiar calor, a casa está morna. As paredes são brancas e o pé-direito muito, mas muito alto. Vou percorrendo o corredor timidamente, mas, a meio, antes de chegar à sala que antevejo, surge outro corredor à direita, pelo qual me conduz.

Pede-me o casaco e pendura-o no último armário, dos que percorrem toda a parede até ao *hall* que conflui com a casa de banho e o quarto. Na parede frontal, várias lanternas cintilam sobre um móvel lacado a vermelho. Ele sente que fico rendida.

- Um ambiente de SPA - diz-me em italiano com um sorriso malicioso, franzindo o sobrolho.

(...)

Passamos ao quarto.

Com um gesto, incentiva-me a entrar e... eis-me emocionada, a viver um filme dos mais fantasiosos. "Uau", outra vez, mas sem nunca o dizer... "estou a ver bem?" Tudo ao redor é belo. Como não quero dar a entender que estou impressionada, tento não mover um músculo da face, escondendo o impacto que gera em mim. Caso não tivesse controlo, estaria com a boca aberta até ao peito, de olhos brilhantes e esbugalhados. Quero apreciá-lo bem, mas disfarçadamente.

Distribuiu pelo quarto inúmeras velas acesas, de vários formatos e feitios, umas agrupadas, outras dispersas... pelo chão, pela cómoda, mesas de cabeceira, parapeito da grande janela, por todo o lado. Enchem o espaço de calor e mistério, de pura sedução. E, na composição, há ainda lindíssimas lanternas rendilhadas de barro, deixando passar as luzes ténues dos círios. Projetam uma cor quente avermelhada, avivada pela cobertura da cama, uma capa de edredom em vermelho-vivo. Ao centro, três grandes almofadões azuis-turquesas sobrepostos fazem-me fantasiar. Em frente à cama, um grande espelho

emoldurado em talha dourada antiga faz lembrar uma coroa enorme, sendo talvez a peça mais emblemática e mística deste espaço.

- É muito antigo, deve ter uns 150 anos... - comenta orgulhoso ao reparar que não desvio os olhos dele.

Parece um espelho encantado, como o da rainha da Branca de Neve. Tudo indica que, no mínimo, vai ser muito bom. E permito-me deslumbrar-me, render-me a esta sedução, à fantasia que me belisca por dentro, ao erotismo maroto feito com amor.

Mas um aperto faz-me pensar que tudo está a ir depressa demais. “Assim, a frio? Já aqui e agora? Sem antes uma conversa?”

Não é preciso dizer-lhe nada. Ele sorri, vira-me as costas e sai do quarto.

- *Viens!* - ordena, fazendo-me sinal com o indicador para que o siga.

Fico aliviada. Afinal, é um cavalheiro e isso agrada-me.

Na sala faz-me sentir à vontade. Com uma vénia, aponta para a jarra em cima da mesa já posta para o jantar, cheia de tulipas brancas. Um natural e simples buquê, como mais aprecio:

- São para ti. São tuas! Comprei brancas por achar que és uma mulher que gosta de flores brancas - expõe com um sorriso meigo e afável.

Admiro-as, declarando enternecida:

- São as minhas preferidas, adoro flores brancas!

“Como adivinhou?”

Contemplo por instantes a beleza destas flores frescas que aqui estão para me purificar, dar luz e beleza a este momento. Sinto-me tão grata por ser recebida com tão bom acolhimento. Tudo parece perfeito, muito além do que imaginei. Começando pela atração física, que é óbvio que está a acontecer, e por todo este cenário. Não é um predador sexual qualquer. Se fosse, não se importaria com esses detalhes. É um predador, sim, mas especial. Tem um sorriso que faz vibrar enquanto se esmera em criar ambientes únicos, convidativos, românticos mesmo. Sabe tratar bem uma mulher. Isto está mesmo a acontecer-me? Mereço assim tanto? Alguma coisa pode correr mal?

É então que me lembro de enviar discretamente a localização à Sofia. “Sofia, estou aqui. E estou ótima! (-: ”

Com olhar reprovador por me ver ao telemóvel, interrompe-me com firmeza, dizendo que vai preparar como *antipasti* uma salada mediterrânica, com vários e deliciosos ingredientes, e que depois virá uma *pasta*. Põe-se a trabalhar no balcão da cozinha.

Tudo o que vejo assenta-me bem. A cozinha convive com a sala em *open-space*, tornando-a enorme. Sendo o pé-direito muito alto, talvez um metro e meio acima do normal, o espaço torna-se mais generoso, quase que dá para um mezanino. No aparador em frente à mesa de refeições, destacam-se duas grandes lanternas cilíndricas de barro branco, cujo diâmetro enche um abraço até à ponta dos dedos. Emanam uma luz mística do seu rendilhado, criando um ambiente quente e relaxante, à imagem do quarto. (...).

Sem saber explicar racionalmente a razão da sensação, sinto que estou segura e que é aqui mesmo que devo estar. A minha aventura está prestes a começar, mas o que experienciei até agora já me preencheu e muito.

Terminada a salada, propõe-me segui-lo para acabar com a apresentação da casa. Arreda as cortinas e abre uma das portas que dão para o terraço. Espreito-o do lado de dentro: é geometricamente quadrado, amplo e generoso, todo em madeira do chão à cerca. Com certa vaidade, diz-me que é ali que gosta de passar as noites de verão, com mesa e cadeiras de exterior, e muitas velas acesas. Mais uma vez, pareço estar a viver um cliché.

Fecha de novo a porta, pois continua desagradável lá fora.

Puxa uma cadeira convidando-me a sentar, e coloca entre os pratos uma grande taça de salada, autoelogiando-se como autor:

- *Mmmm, rica, no?* Bela salada... tem tudo o que existe de melhor! Compro tudo biológico!

Agradeço com simpatia e observo o conteúdo, as múltiplas cores mediterrânicas que se misturam pela variedade dos ingredientes: alface, rúcula, cenoura, tomate, azeitonas-pretas, milho, queijo burrata e atum. Creio ter identificado tudo.

- A seguir vem o prato principal! Gostas de *pasta* com espinafres e pinhões? Ou preferes outra coisa?

Na verdade, não sinto qualquer apetite. Comi demasiado ao almoço e a situação aperta-me o estômago.

- Por mim, fico só com a salada. À noite não costumo comer muito... - respondo num francês rudimentar.

- De certeza? Não achas pouco só salada? Fazer uma *pasta* não dá trabalho nenhum e é rápido - insiste tentando convencer-me.

- É mais do que suficiente! - afirmo decidida.

- Bem, nesse caso teremos mais oportunidade de conversar. De qualquer modo, vou encomendar uma pizza. Não gosto muito, mas pelo sim pelo não...

E faz o pedido. Gosto de ouvir italiano.

Dou pela falta do vinho. "Mas quando é que ele o abre?", vejo na mesa apenas uma garrafa com uma espécie de limonada.

- Bebe, é "citronada" caseira - comenta enquanto me serve com elegância -, foi acabada de fazer, vai fazer-te bem. Gostas, não gostas? - e dá-me a provar.

Aceito, claro, mas o que eu queria mesmo era um copo de vinho para relaxar. Não estou habituada a desinibir-me sem uma ajudinha. Dou um trago no sumo e saboreio-o com surpresa. Afinal é saboroso, tão delicioso como um gin tónico, e rapidamente esqueço a falta do álcool.

Finalmente, senta-se à minha frente, e, em silêncio, observa-me calmamente com um olhar de menino curioso e com todo o tempo do mundo.

- És muito bonita... - comenta ao focar-se no meu rosto, olhos, boca, cabelos, descendo ao peito... - sim, és mesmo muito bela, sabes disso, não sabes? - dando ênfase, não vá eu não lhe dar crédito.

Toca a campainha.

- É de lá de fora do portão. Vou abrir! - diz ao levantar-se.

Fico assustada, estou aqui sem ninguém que me defenda. "Quem será?"

Volta a sentar-se tranquilo.

Passados cinco minutos voltam a tocar à campainha. Petrífico, imagino a cara, “quem será, afinal?”

- É a entrega da pizza – esclarece-me ao levantar-se novamente. – Foram rápidos! Estão mesmo aqui ao lado, vêm entregar a pé...

Nunca mais me lembrei da pizza. Rio-me sozinha do cagaço.

Durante o tempo passado à mesa, a conversa foi evoluindo, sempre em crescendo, enquanto petiscávamos uma refeição simples, com a frescura a entrar-me pelos sentidos. Não sinto gelo para quebrar, os temas surgem natural e espontaneamente. Cada instante silenciado é preenchido com olhares carinhosos e sorridentes. É notório que ambos estamos contentes por desfrutarmos da companhia um do outro.

- Qual é a tua nacionalidade? – pergunta enquanto me volta a servir.

- Portuguesa! – respondo sem questionar a sua. Para quê? Obviamente que é italiana.

- Portugal... belo país. Ainda não o conheço. Os Portugueses são racistas?

A pergunta é estranha. Deve ser dos meus. Vai direto ao assunto.

- Não, não somos racistas. Há sempre quem seja, mas em geral somos um povo que convive bem com outras raças, etnias e culturas, tranquilamente...

- Sim, eu sei, é por causa da emigração das ex-colónias, mas... e tu, és racista?

Aguarda a resposta com uma cara trocista. Não percebo por quê.

- Eu? Jamais! – respondo prontamente achando piada ao assunto. Geralmente é tabu entre pessoas que acabam de se conhecer. – Porquê a pergunta, ó ... – dou conta de que ainda não sei o seu nome. – Como te chamas afinal?

- Abdelkarim Hassen.

- Abdel quê? Podes repetir?

O nome não é comum, é difícil de entender à primeira.

- Abdelkarim...

O som sai-lhe da garganta com uma fonética que não estou habituada a ouvir, não me parece latino, tento repetir sem êxito... estou muito confusa.

- Deixa estar... já estou habituado. Podes tratar-me só por Kari. Todos me tratam por Kari, especialmente na Europa.

Atravessa-me um flash relâmpago que me aniquila. Fico sem me mexer. Percebi bem? Ele lê-me a mente...

- Pensavas que eu era italiano? Não, sou tunisino. Nasci em Tunes, conheces? Capital da Tunísia... – esclarece brincando, provocando-me com as covinhas do seu sorriso.

Cai-me o juízo ao chão. É árabe? Estou na casa de um empregado de mesa árabe?

De súbito o meu termómetro sobe de temperatura, tornando-me mais empática e desperta. Preciso de saber mais, de conhecer esta pessoa que me parece ser extraordinária.

- E és muçulmano? – disfarço a surpresa, tentando parecer o mais natural possível.

- Sou muçulmano, sim.

- Praticante?

- *Bien sûr...*

- Fazes o Ramadão? – esforço-me por mostrar segurança no assunto.

- Sim, já há vinte e cinco anos! Os Muçulmanos são na maioria todos praticantes. Não somos como os Católicos, que na sua maioria não o são.

- Sim, é verdade. Eu por exemplo, não sou praticante...

Árabe, por esta não esperava! Agora sim, reparo melhor no estilo das lanternas que tem espalhadas pela casa, na luz que emanam. E nos latões dos candeeiros ou dos bules de chá expostos por cima do exaustor. Transpiram a mundo árabe sem eu ter dado conta. Bem como a fragrância de madeiras nobres e baunilha que paira no ar.

Ele sente-me atraída pela forma como contemplo o ambiente que me proporciona. É o seu mundo.

- São lindas, não são? - aponta para as grandes lanternas cilíndricas de barro branco.

- Lindíssimas, preciosas mesmo... - nem disfarço que gostaria de ter umas iguais.

- Foram feitas por um dos melhores artesões, um grande escultor. Já não há quem faça mais disto. É uma arte que os mais novos não querem aprender.

-É mesmo uma preciosidade...

E conta como ali vieram parar, com muito amor.

- Trouxe-as da Tunísia de *ferry*, uma em cada mão, muito bem protegidas... e se pesam! (...)

Vamos conversando sobre muitos temas ao de leve, como estamos na vida, as nossas profissões, passatempos, as nossas infâncias, a família, os nossos países. Como me sinto agradada, não podia estar num sítio melhor nem com melhor companhia. Um misto de ternura com sedução leva-me a um forte entusiasmo por estar a conhecer uma pessoa tão interessante.

Vim com ideias de ter um jantar gourmet com vinho a acompanhar, e saiu-me uma salada de atum com “citronada”. Mas está a saber-me divinalmente, para além de me sentir leve e vigilante. O diálogo flui sem esforço, naturalmente. Ele é um bom ouvinte, mas também um bom contador de histórias. E eu a desfrutar e a relaxar...

Conta que resolveu imigrar aos 30 anos, dez anos atrás. Viveu seis meses em França, depois uns tempos na Alemanha e na Holanda, fixando-se finalmente em Itália, quase há uma década. As contas são simples.

- Mas afinal, que idade tens?

- Tenho 40 anos.

- Não acredito! Não me enganes! - estou de facto incrédula.

Sem mais argumentar, abre decidido outra gaveta do aparador e passa-me para a mão o seu cartão de identidade, registado em Itália. Ver para crer. Observo-o com atenção, e tudo o que me tinha contado confirma-se. Ano de nascimento: 1977, Tunes. Não está a enganar-me. Tem de facto 40 anos, dez anos mais novo que eu. Gosto da foto. Ninguém fica tão bonito nas fotos tipo passe.

- Vives em formol, ah, ah, ah, como é possível? Não pareces nada ter a idade que tens, sinceramente... - digo-o honestamente. Não vejo uma entrada com falta de cabelo, brancos, rugas de expressão, barriga, nada. - Conheço muitos miúdos de trintas e picos que não estão em tão boa forma! - elogio-o.

- Sim, reconheço, ninguém me dá mais do que 35 anos. Tenho uma boa alimentação, não bebo álcool, não tomo drogas, faço desporto desde sempre... mas também é do ADN. Saio ao meu pai.

Vem de uma família numerosa, são onze irmãos e todos da mesma mãe. Conta-me um pouco do que fazem e de como vivem, fazendo-me visualizar facilmente a sua cultura, as

vivências coloridas que experienciou e os seus valores. Nunca casou nem teve filhos, vive apenas para ele. (...)

- És casada?

- Sim, sou casada... - respondo com um grande suspiro que não soube conter.

- Casada... é pena. Então o que estamos a fazer é errado. Sabes disso, não sabes?

Não tinha pensado em preparar uma resposta, embora esta pergunta acabasse sempre por surgir. Não julguei ser importante, mas, agora percebo que faz diferença.

- Sim, sei... é errado.

- Quantas vezes já fizeste isto? - pergunta ao levantar-se do lugar à minha frente para se sentar ao meu lado, como se me quisesse encravar.

As luzes ternas das velas realçam a sua doçura. Os seus olhos parecem duas azeitonas cintilantes em forma de amêndoa. Sim, vejo um homem gentil, um bom anfitrião, educado e enigmático. E ainda, sim, estou a ver bem, é um homem bonito e mais bonito se torna à medida que se conhece. Estou a adorar tudo, mas não sou capaz de dizer-lhe que estou separada e que fui recentemente trocada por outra, ou que me preparo para um doloroso processo de divórcio. Não é esse o espírito deste encontro. Não lhe quero contar a minha vida toda, muito menos num primeiro e único encontro. Porém, também não quero passar por galdéria, que não sou, nem tão pouco por uma mulher desesperada a querer vingança.

Respondo-lhe tranquilamente:

- Nunca... Em vinte e seis anos de casada, é a primeira vez que o faço.

- Primeira vez? Estás a dizer a verdade? Nunca foste com um estranho?

- Nunca! - afirmo fitando-o nos olhos, enquanto abano a cabeça muito devagarinho.

- E nunca traíste o teu marido? - pergunta-me provocatório.

- Nunca.

- De verdade? Mesmo?

- Estou a ser sincera, digo sempre a verdade - Será assim tão raro?

(...)

Retira os pratos da mesa e eu prontifico-me para ajudá-lo. Neste movimento rápido, acabamos por ficar frente a frente muito chegados um ao outro, e, sem hesitar, rouba-me um beijo fugaz na boca. Ainda tenho a destreza de reagir, desviando o canto do lábio. Ele sorri e reage:

- Fizeste bem, estava a esquecer-me! - diz apontando para o seu, como se a ferida do herpes fosse sua.

Já não há uma ponta de gelo para quebrar. Contudo, não deixo de me sentir atrapalhada com este “chocho”, como se fosse uma garota. Disfarço o constrangimento e, com um passo atrás, procuro as horas no pulso com algum nervosismo.

- Tranquila... vejo que és uma mulher que vive em *stress*, e isso não te faz bem à saúde. Devias que ter mais calma... vive o momento, não penses em nada...

Consinto com a cabeça e fico num impasse.

Pede que me aproxime mais dele. Deixa-me curiosa, sei que aí vem coisa. Dou um passo em frente.

- Aproxima-te mais... - solicita docemente.

E dou o último passo, já totalmente encostada ao seu peito. Sinto uma vibração estranha, nova. É então que me agarra pela cintura a querer abraçar-me, apertando-me firmemente contra ele.

- Relaxa, respira fundo...

Faço o que pede sem qualquer constrangimento ou tensão. Começa por pressionar-me a coluna com os punhos cerrados, percorrendo-os sobre o veludo do vestido com toques profundos até encontrar o ponto certo. Fecho os olhos e deixo colar-me ao seu peito sem qualquer resistência. Quando encontra o ponto que procura, sem aviso prévio, esmaga-me energeticamente contra ele, pressionando as vértebras num movimento rápido ascendente, fazendo com que uma a uma estale, taque, taque, taque. Que alívio.

- Uau... estou muito mais leve! Obrigada, fez-me mesmo muito bem!

Não me tinha apercebido de que estava tão rígida. Como chegou a essa conclusão, tão rápida e convictamente, que vivo em *stress*? Como, se tenho estado aqui o tempo todo completamente Zen? Que sinais dei eu? O pouco que lhe contei de mim não foi nada de revelador nesse sentido, acho eu.

- Achas-me *stressada* porquê?

- Porque sinto que tens um grande peso em cima de ti. Deves libertar-te dele o mais rápido possível. Deves pensar mais em ti e preocupar-te menos com os outros. Tens de aprender a viver melhor o teu presente, sem inquietações sobre o futuro. Entendes?

A voz é calma e transmite-me sinceridade. E continua:

- Se queres viver triste, pensa no passado; se queres viver ansiosa, pensa no futuro; se queres viver feliz, pensa no presente. Deus quer que nós vivamos assim, felizes. Compreendes isso?

Ouçõ atentamente as palavras sábias que entram no meu coração como flechas de luz. Acertou na *mouche*. Este encontro é tudo o que eu estava a precisar: uma lavagem à alma. “Meu Deus, eu não vim aqui só para ter sexo! Vim para ser curada!”

Fico ausente por uns instantes, embrulhada nestes pensamentos que entraram na consciência como um *flash* em néon.

(...)

Tudo até aqui me parece tão bem, tão redondo, tão bem construído. Sinais de que estou com um predador sexual, mas isso não me incomoda. Ele é elegante e cavalheiro, preocupado com o bem-estar da sua presa. Sinto-me grata e merecedora.

- Deixa a loiça, eu lavo-a amanhã. Agora vem...

1.9

Assim que entrámos no quarto, o nosso clima mudou. Toda esta atmosfera intimista e sedutora é combustível altamente inflamável para uma grande exaltação sexual. Um calor interno percorre-me intensamente o corpo, inebriando os meus sentidos. Deixo-me levar, sentindo o prazer do toque forte das suas mãos que deslizam pelas minhas pernas e me despem o vestido. Num movimento rápido, puxa-me pela cintura contra si pressionando as minhas coxas contra as suas, deslizando o seu tronco em suaves e

repetidos movimentos de baixo a cima. Eu, ainda de *lingerie*, puxo-lhe desajeitadamente a *T-shirt* sem saber bem onde pôr as mãos, contemplando o seu belo físico que dá fortes sinais da sua virilidade. Caramba, quero-o mesmo. Os braços são fortes e robustos, de contornos musculados e ombros bem proporcionados. Encosto-o à parede e acaricio-lhe os peitorais, firmes e bem delineados. A pele é macia e sem qualquer imperfeição. Saiu-me a sorte grande. Deslizo as mãos até ao seu ventre, plano e duro, e continuo a investigar todo o seu corpo, deliciada. Não nos beijamos na boca, mas beijamo-nos em todo o redor, olhos, orelhas, pescoço, ombros, cabelo... fervorosamente. Percorro o seu peito com beijos de língua e sinto o sabor da sua fragrância oriental. Vou descendo, pouco a pouco, despindo-lhe as calças sem pressa nem pudor, tocando e beijando aquele músculo tão perfeito que aqui está para mim. A adrenalina está a deixar-me inconsciente, sem medir riscos ou consequências.

Seguimos para a cama, onde o encontro é meigo e intenso, recebendo-o dançando até levitar. “*Bello, molto bello*”, diz penetrando-me o olhar enquanto me satisfaz, encontrando sempre a melhor posição para dar e receber o máximo de prazer. E quando os seus olhos escuros e misteriosos se voltam a encontrar com os meus, pergunta-me delicadamente baixinho, num ritmo quente e profundo: “*Sei una donna per uno, due o tre?*” Ouvi a pergunta e descodifiquei-a no meu cérebro: se sou mulher para uma, duas ou três? Com esta tensão toda, só posso responder “três”. Acariciando o meu rosto com o nariz, retorque-me ao ouvido com voz angelical, “*Brava!*” Entrelaçamos os dedos das mãos e não damos pelo tempo passar.

Sentada na sanita e quase às escuras – algumas velas já se apagaram – dou por mim a pensar no que acabou de acontecer. Foi real? Aconteceu mesmo? Que experiência mais louca.

(...)

Acende outro cigarro à porta do terraço e pergunta-me se estou bem, enquanto me oferece o maço de tabaco aberto para que me sirva. Continuo a sentir-me como uma criança na noite de Natal, só recebo presentes.

Entre as passas do cigarro, continua a falar:

– És brava, és mulher para três. E vais ter três... – di-lo com uma expressão pensativa – mas a próxima vai ser selvagem... sim, quero fazer amor selvagem contigo. E então depois virá a terceira, que será um misto das duas, metade meiga e metade selvagem. Vais experimentar de tudo comigo hoje – desafia-me.

“Eh lá, isto promete! Este sabe-as todas.”

Sinto um formigueiro a subir-me pela barriga só de pensar no que acabei de ouvir. Presto novamente atenção ao meu traje. *Boxers* rosa-choque e camisola branca de alças, tão larga que me faz descobrir os seios. Sinto-me confortável assim. E feliz por estar aqui. Como estou grata.

Terminamos o cigarro e voltamos ao quarto. Não contei os minutos, mas creio que nem vinte passaram. Como pode ele ter recuperado em tão pouco tempo? Não interessa. Estou aqui e quero gozar.

(...)

O relógio da cozinha indica uma hora da madrugada. É melhor ir-me embora. Sim, senão amanhã vou para o aeroporto meia *zombie*. Penso nisto sentada à mesa enquanto ele procura algo no frigorífico para comermos.

- Podes chamar-me um táxi, por favor? – peço-lhe enquanto me calço.

- Já embora? Não, não vás já embora... Gostava de mostrar-te um pouco da minha cultura. Sabias que há uma grande discoteca árabe em Milão? Ao fim de semana está cheia, mas hoje deve estar calmo. Eu gosto assim, sem multidões...

- Não sei... já é muito tarde, estou cansada, foi uma semana difícil. Tenho a mala de viagem no hotel, o *check-out* para fazer, ir cedo para o aeroporto... – Estou a ter um ataque de ansiedade!

- Cansada? Vais perder a oportunidade de ter uma noite inesquecível?

- Já é uma noite inesquecível...

- Se te fores embora agora, vais lembrar-te apenas durante dois ou três dias que deste uma valente foda com um desconhecido em Milão. E depois... *Ciao*, esqueces! Se ficares, vais recordar-te desta noite para toda a vida. E a vida é feita disso mesmo, colheitas de boas memórias. Não deixes escapar este momento...

- Não sei... discoteca (árabe) a esta hora?

A minha cara denuncia que quero mesmo ir-me embora. Chegou a hora de a princesa desaparecer antes que se transforme na Gata Borracheira a partir na sua abóbora.

- Se queres ir já, vai! – exclama, desiludido. – Eu chamo um táxi que estará aqui em 5 minutos. Tenho pena, gostaria que conhecesses um pouco da cultura árabe, seria enriquecedor para ti. Mas não insisto. Vai, vai para o hotel e amanhã voltas à tua vidinha.

- Bem, eu...

- Foi apenas uma aventura, *c'est tout!* – interrompe com um corte de mão.

O tom é de antipatia, de quem é contrariado, ou então de quem se sente frustrado e desesperado. Mas o que disse bateu-me. “Amanhã voltas à tua vidinha”. Estou dividida e não sei o que fazer.

Numa última tentativa, volta a tocar-me na alma esbracejando as suas emoções:

- Acorda para a vida! Queres que te faça um café? Um chá preto? Queres um Red Bull? Eu desperto-te! Tens muito tempo para dormir quando chegares a Lisboa!

Mais uma vez, o que oiço tem um impacto tremendo em mim, como se levasse uma marretada na cabeça. “Que persuasivo, credo!” Está a agitar-me, a provocar-me para eu saia da caixa. E convenço-me a mim própria, ouvindo a minha voz interior: “Acorda para a vida, Mia. Não é por acaso que estás aqui! Vive, mulher! Tens tempo para voltar à tua vidinha!”

Esboço um sorriso e aceno-lhe um sim decidido com a cabeça, e respondo:

- Vamos lá então!

- Tens a certeza? Não quero que vás sem vontade.

- Sim, tenho a certeza! – digo-o convicta.

Estou feliz pela minha decisão e por ele ser tão insistente. É para meu bem, é para eu viver. Pego no telemóvel e coloco o alarme para sair dentro de poucas horas, antes que me esqueça com tanta evasão.

Já animado e sem perder mais tempo, vai buscar ao grande armário a tábua e o ferro de engomar, monta-a na sala, voltando ao corredor onde tem a roupa. Vem com três camisas brancas engelhadas penduradas em cabides, e estende-as no sofá.

- Sei que gostas de camisas brancas...

Será mesmo adivinho? Adoro ver um homem de camisa branca. Observo-as e analiso uma a uma, o homem tem bom gosto.

- Qual destas três queres que eu vista?

(...)

Como é engraçado, um homem que mal me conhece, vir pedir-me a opinião sobre o que vestir para sair comigo. A situação é cómica e cheia de boa disposição. Íntima, também. Só isso já é diversão extra queijo.

1.11

De volta ao hotel, repasso e visualizo mentalmente a noite que acabei de experienciar. E a minha cara quando ele me pediu à despedida que lhe deixasse o guarda-chuva de recordação. Para que ele o quer? Comprei-o num chinês qualquer, não era nada de especial. Podia ter-me pedido as cuecas como troféu.

Olho para o pulso para controlar as horas e dou conta de que o relógio ficou em cima da cómoda. Paciência, depois desta noite não vou chorar o perdido. Sim, uma noite mágica, com todos os ingredientes reais, provenientes do imaginário de uma mulher romântica e sonhadora. Ao pormenor, tudo conspirou a meu favor. Tudo. Vivenciei um momento inesquecível, assim, de improviso. Vou guardá-lo bem, não o vou esquecer nunca. Receio, ternura, aventura, sexo, intimidade, conexão, o mundo árabe... tudo num só encontro. E o mais comovente e enriquecedor foram as mensagens sábias que me foi passando para que eu seja um Ser feliz. Interpretei-as como mensagens de luz, vindas de outra dimensão. O universo divino quer que eu aprenda e cresça, e eu estou recetiva a sair da escuridão. Este presente vai transformar-me para sempre. Jamais serei a mesma.

Atordoada, não paro de pensar: quais as probabilidades de uma mulher triste e vazia ter oportunidade de viver um momento destes? Foi um acaso? Por que razão o meu voo de regresso foi cancelado? Porque me atrasei tanto e acabei por ter de me sentar à ponta de uma mesa de improviso, isolada? Por que raio haveria um jovem bonito em Milão reparar numa mulher madura, de cara fechada? Nada foi accidental, foi tudo uma conspiração divina. (...) Permitiu-me conhecer este homem encantador, com uma vivacidade contagiante, sábio, e, mais elevado ainda, de coração branco. Lindo por dentro e por fora, de extrema sensibilidade e surpreendente a cada momento. Todos os gestos denunciaram a sua generosidade, e as máximas de vida transmitidas pareciam chegar do além. Captei as mensagens e saboreei excelentemente todos os momentos. Talvez tenha sido este o meu despertar.

(...)

Escrevo-lhe para agradecer a noite fantástica e anexo a *selfie* sedutora que tirei em *lingerie* em frente ao espelho quando cheguei. Ele que se recorde de mim por uns tempos também.

- *Uau... sei bellissima* - responde seguido de um coração. - *Bon voyage*.

Atravesso o hangar do aeroporto triunfante, como um atleta paralímpico que regressa ao seu país com uma medalha ao pescoço. Passo despercebida ao mundo, mas conquistei a maior grandeza que podia ter feito por mim e só para mim.

Presto atenção a tudo, ao bonito e ao feio sem criticar. Apenas observo. Não reclamo pelo tempo que ainda tenho de espera, nem pela confusão gerada pela greve. Nem sequer o atraso da descolagem me preocupa. Na verdade, não estou preocupada com nada.

**Os anjos passam na nossa vida, vêm e vão.
Passam-nos de raspão, consertam-nos, e voltam para outra missão.**



O subcapítulo 1.10 e os parágrafos omissos representam as cenas mais espetaculares de toda a história. Deixamos o *Filet Mignon* para descobrir no livro.

Aceda à página, redes sociais e contatos para compra do livro em:

www.luisapiresdossantos.com